



VILA VERDE

AVENÇA

QUINZENÁRIO REGIONALISTA

VISADO PELA CENSURA

(Composição e Impressão: Escola Gráfica da Oficina de S. José—BRAGA — Telef. 22634)

PROPRIEDADE: Nossa Senhora do Alívio	DIRECTOR E EDITOR: Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Padre Severino Pereira Fernandes Telef. 92123—Residência Paroquial de Prado—Braga
---	--	---

Problemas da crise da Lavoura

VI

Os paladinos e doutrinadores da Lavoura e as Entidades Governamentais

NÃO foi sem mágoa que nós, os devotados à Lavoura, assistimos ao render da guarda ministerial. Deixou o lugar de Secretário da Agricultura o senhor doutor Mota Campos, que conseguiu, num curto espaço de dezoito meses, impulsionar o movimento salvador da reforma agrícola.

Agitou, verberou rotinismos, criou novas mentalidades, congregou à sua volta todos os que sentiam a fé nos novos destinos.

As reformas básicas, por legislações, por movimentos associativos, por técnicas modernizadas, e, sobretudo pelo estabelecimento de uma profunda confiança dos rurais nas entidades oficiais, permanecerão.

O seu contributo para a salvação da Lavoura portuguesa já não poderá ser esquecido.

É evidente que um movimento de tal envergadura, como é o da reforma quase total da nossa Lavoura, não pode estar confinante a um só homem. Espera-se sim da criação de elites agrícolas, bem preparadas por homens, que, como o senhor doutor Mota Campos, trabalham intensamente, para recuperarmos tanto tempo que se perdeu em falsas concepções doutrinárias, em marasmos de técnica, em inéscia de organismos oficiais, e ainda

em quietismo dos rurais desorientados e arruinados.

Felizmente que o caminho está aberto.

Temos já não só entre as entidades oficiais, mas mesmo no meio dos lavradores, muitos homens que se dedicam ao estudo dos problemas agrícolas, colaboram com as entidades oficiais, doutrinam, e se batem pelos interesses dos agricultores.

Ao lermos a imprensa diária e a imprensa regional, verificaremos que a Lavoura tem paladinos dedicados e intrépidos doutrinadores.

Serão, por exemplo, o Américo Urbano do Comércio do Porto, o José de Vizeu do Jornal de Notícias, o João de Além do Diário do Minho, etc.

(Continua na 2.ª página)

Causa do Arcebispo Santo

Ano conciliar

Ano Bartolomeano

Pondo os olhos no actual Concílio Ecueménico, podemos avaliar, melhor que em qualquer outra data, a grandeza da projecção de Portugal no Concílio Tridentino. Concílios como o presente e o de Trento, por um muito natural andar das coisas, são seleccionadores de capacidades. Impõe-se o que tiver valor. O Concílio acaba por descobrir e revelar o sabor e a virtude ou consagra e difunde o que já era conhecido de muitos ou de alguns. Não é por falta de relevantes qualidades que um é escolhido para dirigir a doutrina estudada ou de elaborar livros segundo o que foi prescrito, etc. etc.

(Continua na 4.ª página)

Vamos ao Presépio

A noite tenebrosa pesava como uma maldição sobre o mundo submergido no sono. Todos dormiam: dormiam em Roma, em Jerusalém, em Belém, a onde haviam ocorrido gentes de todas as regiões para se inscreverem em recenseamento, segundo ordens recebidas de Roma. Só velavam os pastores junto das fogueiras cuidadosos dos seus rebanhos.

E eis que, como um raio, se rasga a escuridão e torrentes de luz se espalham por todas as partes e acende-se o Céu como chama poderosa passando coros invisíveis sobre a terra adormecida, cantando melodias nunca ouvidas: "Glória a Deus nas alturas, e, na terra, paz aos homens de boa vontade.."

Os pastores que, vigilantes, guardavam seus rebanhos, ficaram maravilhados, e o seu assombro cresceu rápido ao verem-se envolvidos numa luz resplandecente, vendo o anjo do Senhor que lhes dizia: "Não temais. Anuncio-vos um grande gozo: nasceu-vos o Salvador.. Aca-

bou-se o tempo das lágrimas; desvaneceu-se a maldição; quebrou-se o poderio do demónio.

Anunciamo-vos um gozo indizível; nasceu o Cristo na cidade de David. Por este sinal o reconhecereis um menino envolvido em panos e deitado num presépio.

Quando desapareceu o Anjo, os pastores olharam-se uns aos outros admirados com esta mensagem e disseram: "Vamos a Belém e vejamos o que nos foi dito."

Deixaram então as ovelhas que ruminavam junto ao fogo apagado e correram em direcção à cidade e viram com grande alegria, Maria, José e o Menino no presépio. Alegria imensa! Deus feito menino. A divindade ofendida e a humanidade pecadora fundiram-se num abraço eterno no Corpo do Menino Jesus.

Aconselhamos os nossos leitores e assinantes amigos a abandonar seus cuidados e ir, nesta quadra linda do Natal, com os pastores ao presépio cheios de fé e alegria.

Estimemos a nossa Polícia

O polícia já deixou de ser, há muito tempo, sobretudo nos países de grande civilização e cultura, uma singela expressão de força sem sentido estético, sem preocupação de humanidade e de justiça. Até mesmo nas nações onde o grau de cultura geral não é ainda animador, o agente da polícia

começa a ser tratado com mais estima, mais respeito e, até, com amizade.

Verdadeiramente, não admira que assim seja, pois o polícia é, no moderno conceito que a cultura e a civilização lhe atribuem, um agente da ordem dos mais prestáveis, dos mais úteis e dos mais dignos.

O polícia ampara, o polícia protege, o polícia indica, esclarece, prevê e orienta. E deve fazê-lo sempre com gentileza e dignidade, cónscio do valor altamente humano da sua actividade social. O exemplo encantador do polícia gentil e culto, correcto e firme, é já uma realidade em muitos países da Europa e tende a aparecer, cada vez com mais frequência, naqueles onde ainda há pouco se via, no agente da ordem, o homem ignorante e primitivo, lamentável reflexo, aliás, do ambiente de que provinha e em que era obrigado a actuar.

Seria caso para dizer-se que cada povo tem a polícia que merece, verdade que, embora amarga, parece ter de se admitir. É evidente que o genial policial sueco, norueguês ou dinamarquês, habituado ao amor e gentileza com que é tratado habitualmente, ressentir-se-ia se fosse, de súbito, transferido para zonas onde o palavrão, o cacete, a faca e o encontro ainda aparecem como tristes realidades de

(Continua na quarta página)

Notas de Lisboa

Uma "Lição," que me leva a falar de Vila Verde

Há dias, ao meter-me num táxi, encontrei dois rapazes conhecidos que andam nos últimos anos do liceu e iam para as aulas da tarde. Como eu tinha de passar pelo liceu que eles frequentam, levei-os comigo. Numa Avenida emaranhou-se o trânsito e o táxi ficou entre outros carros que vinham de um casamento.

Um dos rapazes comentou: «grande casamento! Sempre deve ser mais

agradável ir-se a um casamento do que para as aulas!». O motorista do táxi, com largos anos de praça e daqueles que arrancam umas coisas de inglês e de francês devido ao contacto com turistas estrangeiros, perguntou se lhes davamos licença de emitir uma opinião. Disse-lhe que sim, que falasse à vontade. Então ele, homem já, pelo menos, de 60 anos, dirigiu-se aos rapazes, fez as seguintes considerações:

«Ir a um casamento deve, realmente, ser mais agradável do que ir para as aulas. No entanto, por vezes, é melhor passar uma vida inteira nas aulas, do que casar! Os meninos desculpem mas eu já sou velho, e nós, os motoristas dos táxis, que são utilizados por gente das mais variadas camadas sociais, ouvimos aqui dentro conversas que põem os cabelos em pé. Os meninos são muito novos e por isso andam no perigo de se deixarem prender pela aparência tentadora de muitas raparigas que só querem cafés, teatros, pândegas, mas não querem saber da moral nem dos conhecimentos indispensáveis a qualquer dona de casa. Se quando escolherem a

(Continua na quarta página)

Notícias de França

No passado dia 25 de Novembro, foi Baptizado na Igreja Paroquial de Louigny, mais um filho do Sr. Manuel de Barros, nosso assinante, e de sua esposa Sr.ª D. Alice Almeida Barros, ao qual foi posto o nome de Joseph.

Foram padrinhos o Sr. P.º José da Costa Araújo, Director da Oficina de S. José (Braga), fazendo-se representar e a avó materna Sr.ª D. Sofia Almeida, que em breve regressará a Portugal, depois duma estadia junto de sua filha, genro e netos.

Jardins de Prado

DESOLAÇÃO

Prado, aquela formosa Vila, que outrora foi Sede de Concelho, «apenas deixou de o ser em 1885» está, talvez por caprichos, riscada do mapa das atenções das entidades oficiais.

Se não fora a presidência dum ilustre Pradense dotando-a de luz eléctrica, Prado seria ainda hoje uma

aldeia sem luz e sem benefícios. Como me lembro saudoso daqueles tempos de criança em que Prado era um jardim florido e atraente.

Ainda está bem presente na memória dos Pradenses aqueles dias de verão, em que os Bracarenses e outros de freguesias limítrofes, buscavam a frescura, não só do Cávado, como também dos seus limpos e belos Jardins com uma sombra amiga e acolhedora. Ainda está bem presente na mente dos Pradenses, aquelas serenatas à beira rio, em que Prado recebia festivamente a melhor sociedade de Braga. «Prado Saúde Braga» —

(Continua na 2.ª página)

Festa da Imaculada Conceição em Vila Verde

Como já é tradicional, depois de uma semana de pregações, feitas pelo senhor P.º Eduardo de Melo Peixoto, realizaram-se, em Vila Verde, as Festas da Imaculada Conceição.

Houve cerca de duas mil comunhões, fizeram a primeira comunhão trinta e cinco meninos e meninas; Missa Solene cantada pela Coral Feminina e, à tarde, depois da oração e sermão, saiu uma imponente procissão.

É de salientar o brilho com que os Bombeiros de Vila Verde tomaram parte em todas as cerimónias.

É também de notar e de agradecer o contributo que o senhor comandante e soldados da G.N.R. dssta Vila deram, espontaneamente, dirigindo o trânsito no percurso da procissão.

CARTAS AO DIRECTOR

Ex.º Senhor Director do Jornal «O Vilaverdense»:

A Direcção da Sociedade de Educação e Recreio de Vila Verde, vem muito penhorada agradecer as palavras elogiosas da local publicada quanto à sua Banda Musical.

Tem esse Jornal pugnado por todos os interesses tanto materiais como espirituais do nosso concelho, o que não admira, visto a missão nobre que V.º Ex.ºs se propuseram defender. Bem hajam pela maneira elevada como o têm feito.

Renovando os nossos agradecimentos, aceite Sanhor Director os nossos afectuosos agradecimentos.

O Presidente da Direcção,

António Ribeiro Guimarães

Agradecemos as palavras amistosas dirigidas ao nosso jornal. Claro que estamos sempre ao lado de quem, no aspecto espiritual, social e material, quer o progresso do nosso concelho.

Registamos especialmente esta carta pois é das primeiras que recebemos

(Continua na 2.ª página)

«O Vilaverdense»

Aos nossos colaboradores e correspondentes, aos nossos assinantes e amigos do Continente, Ultramar e Estrangeiro, um NATAL FELIZ e um ANO NOVO cheio de prosperidades na graça de Jesus Menino.

A REDACÇÃO

Problemas da crise da Lavoura

Continuação da 1.ª página

Devemos fazer justiça às entidades governamentais.

Muitas vezes esses paladinos da Lavoura barafustam; têm de discordar, e mesmo de atacar esta ou aquela entidade oficial, quando, em casos concretos não cumprem.

E o movimento de reforma agrícola tem sido animado pela compreensão e mesmo apoio das entidades governamentais a estas iniciativas, porque são sinceras, ponderadas e construtivas.

Últimamente duas campanhas me chamaram a atenção, e que devo transmitir aos meus leitores:

A do Américo Urbano sobre a resinagem e seus abusos, e a do João d'Além sobre a pretensão de infundir a Comissão de Vinicultura da Região dos Vinhos Verdes na Federação dos Grémios da Lavoura de Entre Douro e Minho.

A questão da resinagem visava pôr cobro ao abuso praticado pelos industriais, que provocaram uma baixa no pagamento das incisões em mais de cinquenta por cento, e ainda deixaram de cumprir os contratos, não pagando no tempo devido e os preços estipulados.

Bateu-se duramente. Por fim o senhor Governador Civil do Porto convocou uma magna reunião a que assistiram as entidades visadas.

Chegou-se à conclusão de que as entidades oficiais não tinham legislação que lhes permitisse pôr cobro a tais desmandos. A isso respondeu o senhor Governador Civil, dizendo que era necessário procurar promulgar tal legislação!

Entretanto disse-se que só havia um meio para obrigar os industriais a cumprir: o recurso aos Tribunais.

Urbano salientou que a miséria da Lavoura não lhe permitia recorrer aos Tribunais.

Em artigo deste jornal «O Vila-verdense», eu já chamei a atenção para o facto de os nossos Tribunais serem uma das grandes causas da ruína da Lavoura. Se têm os lavradores de recorrer às suas decisões, quase sempre perdem muito mais do que lá vão buscar em benefícios.

Os nossos Tribunais para as questões agrícolas são burocráticos, arrastados em tempo, caros em si e mais em seus advogados e técnicos, e incompetentes por não estarem preparados para julgarem a moderna Lavoura.

Defendi que as questões de Lavoura fossem julgadas sumariamente e em primeira instância pelos técnicos da Colonização Interna ou por um Tribunal Especial, técnico, simples e sem certas ou diminutas, e, sobretudo, sem possibilidades de delongas, de artimanhas sorvedoras de dinheiro.

Nas questões do imparcélamento já surgiu um desses Tribunais, a Junta de Arbitragem. Porque não se generaliza para todas as questões da Lavoura?

As legislações para a Lavoura estão a sair em série.

Daí, fatalmente, surgem mais questões, mais recursos aos Tribunais comuns, com os seus métodos arcaicos. E consequentemente andamos a querer construir por um lado e a arruinar por outro.

A questão de resinagem teve o condão de chamar a atenção para este

problema. Os lavradores lesados, apesar de poderem recorrer aos Tribunais, por contratos não cumpridos, não o fizeram, porque iam buscar lá e ficaram tosquiados.

As questões da Lavoura têm de ser resolvidas pelas comissões arbitrais próprias ou pelo Tribunal da Lavoura que é preciso criar.

João d'Além grita aqui del-rei, porque a Federação referida quer engolir a Comissão de Vinicultura da Região dos Vinhos Verdes. E diz ele, para lhe caçar uns milhares de contos dessa Comissão.

Damos-lhe inteira razão e apoio. Já defendi aqui a doutrina de que os Grémios da Lavoura e as suas Federações não são caldeirões onde tudo deve estar concentrado.

Essa concepção foi causadora, em grande parte, do atrazo da Lavoura portuguesa.

Basta-lhes serem organismos associativos, representativos, coordenadores da Lavoura.

O resto é para as Cooperativas, Juntas Nacionais, Comissões etc.

Essa tendência já está bem provada nos fracassos do passado.

A seguir se a pretensão da Federação, então também deveriam lá engolir a Junta Nacional dos Vinhos, a Federação Nacional do Trigo, etc., para haver coerência.

A Comissão de Vinicultura faz falta com a sua independência, com a sua actuação.

No caldeirão da Federação dos Grémios da Lavoura, será um pitéu, com certeza condenada a ser engolida, e a passar à digestão aquietudinária de muitas barrigas.

Não andemos para trás e para a frente. Os Grémios têm as funções e essa Comissão tem a sua.

Continue-se nestas campanhas animadas só pelo espírito de servir a causa da Lavoura, que é a causa nacional.

Nota-se que nós os lavradores ou os seus amigos e estudiosos estamos a ganhar consciência do que somos na Nação, graças ao apoio recebido das entidades governamentais. Por isso não nos sentimos sós, e nem atacados, quando lutamos mais duramente.

Padre Manuel Gonçalves Diogo

AS MAIS SELECIONADAS ÁRVORES DE FRUTO

As melhores sementes de flores e hortaliças.

As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos Internacionais. Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construções de jardins, parques e pomares.

Catálogos grátis (5)

ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.ª, L.ª

Rua D. Manuel II, n.º 55
PORTO

Telef. 21957 — Teleg. Roselândia.

Assina «O Vila-verdense»

Cartas ao Director

(Continuação da 1.ª página)

a agradecer a nossa colaboração e apoio. Todavia, os nossos leitores sabem reconhecer que valentemente temos pugnado por outros interesses concelhios. Se esta entidade ou aquela se não tem lembrado de agradecer é simplesmente por saber que o nosso dever não é outro.

A Banda de Vila Verde resolveu, pelo seu Ilustre Presidente, tocar o clarim de agradecimento.

Consola-nos a certeza de que também a Ex.ª Direcção toca afinado o que para nós é prenúncio de boa Orquestra na Sociedade de Educação e Recreio.

O Director

Casas do Povo

Regalias aos sócios

Uma das primeiras actividades desta Federação foi a de uniformizar as regalias dos associados das Casas do Povo deste Distrito, que se encontravam em alguns casos com esquemas de benefícios bastante díspares.

Assim, depois de várias reuniões realizadas através do Distrito com os dirigentes de todas as Casas do Povo, o Conselho da Federação aprovou o seguinte esquema de benefícios — obrigatório e mínimo — para todas as Casas do Povo:

Assistência médica — Absolutamente gratuita na sede do Organismo ou no domicílio do seu associado, podendo dela beneficiar tanto o sócio como os seus familiares.

Subsídio na doença — Concedido a todos os sócios efectivos, nos termos dos Estatutos e tendo por base os salários médios de 20\$00 para homens e 15\$00 para mulheres.

Subsídio para medicamentos — Sócios efectivos — 50%.

Familiares de sócios efectivos — 25%.

Subsídio por morte — 150\$00.

Subsídio para casamento — 100\$00.

Subsídio por nascimento de filho — 50\$00.

Além disso e por virtude das suas receitas próprias, as Casas do Povo estão ainda a conceder subsídios extraordinários e imperiosos, e a distribuir livros escolares aos filhos dos seus sócios efectivos.

O n.º 4.º do art.º 13.º do Decreto-Lei n.º 41.286 de 23 de Setembro de 1957 que cria as Federações da Casa do Povo, consigna que constituem receitas deste Organismo «as participações destinadas à protecção e defesa da família nos meios rurais, que lhe sejam atribuídas pelo Fundo Nacional de Abono de Família».

Um recente despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, permitiu dar execução à provisão legal citada e assim no próximo ano, esta Federação vai receber do Fundo Nacional de Abono de Família um subsídio de mais de MIL CONTOS para ser distribuído pelas Casas do Povo do Distrito, garantindo a todas elas as necessárias possibilidades financeiras para cumprirem rigorosa e plenamente aquele esquema de benefícios.

Jardins de Prado

Continuação da 1.ª página

era o grande cartaz erigido ao longo do vasto e saudoso areal, luz, música e alegria, assim se viviam os dias naqueles tempos de sol ardente que jamais voltarão.

Hoje é tudo ao invés, paira sobre Prado o descontentamento, o desgosto. O Sol já não aquece o Pradense já cansado de promessas e de esperar. O seu Jardim já não oferece o perfume das flores, nem sequer uma sombra amiga, ou um banco, para o caminhante se abrigar e descansar.

Parece que um furacão passou e levou tudo de vencida.

Tresladou-se o Pelourinho com promessas de embelezamento, mas foram histórias infantis.

Não será Prado, terra de homens eminentes e de história Pátria? Não será Prado terra de antiga via militar? Não foi Vila e sede de um Julgado medieval? Não foi Prado teatro de um combate entre liberais e miguelistas em 1827?

Que representa o Pelourinho e as armas reais de D. Manuel? Não nos recorda um passado digno e honroso? Então para que tantas anomalias?

Prado, por intermédio do seu brioso Grupo Desportivo, é visitado por milhares de visitantes, como aconteceu no grande desafio — Prado-Famalicão. As críticas de que Prado foi alvo, envergonha até aqueles que estão longe. Francamente, é deplorável e inadmissível o estado calamitoso em que se encontra o Jardim, a sala de visitas da freguesia. Nada valerá o meu queixume, mas continuaremos a pregar no deserto, até que justiça seja feita.

Que quem de direito visite Prado e veja com olhos de ver, a triste desolação.

Um assinante do Porto

Falam-nos do Jardiminho da Vila de Prado...

A Vila de Prado, fica do outro lado do Rio Cávado, mas as suas relações com a sede do distrito, são tão intensas, que bem se pode considerar a vila um dos arredores de Braga, em cuja vida está integrada, embora administrativamente pertença ao concelho de Vila Verde. E para fazer prova de que a Vila de Prado está integrada na vida social e económica bracarense, basta dizer que a ligam a esta cidade, diariamente, cerca de cinquenta carreiras de caminhetas. Ora a Vila de Prado, que se orgulha da sua história, de ter sido, noutras épocas, sede de concelho, de possuir foral que o seu artístico pe-

lourinho atenta, e que também é ciosa do seu progresso, possuía um jardiminho, pequeno mas engraçado, para a terra, e para onde o pelourinho, que existia no Largo da Feira, foi com aplauso geral transferido. Julgava-se que essa transferência, seria motivo para que o jardiminho merecesse maiores cuidados, mas a verdade é que sucedeu precisamente o contrário, e o povo da Vila de Prado, não oculta o desgosto que sente com o facto.

Pessoas gradas da vila, vieram dizer-nos o que se passa, a pedir-nos que solicitemos para o caso a atenção do sr. presidente da Câmara Municipal de Vila Verde, cujo carinho pelos Jardins está demonstrado nos cuidados dispensados aos da sede do concelho.

Parece-nos justa a petição da Vila de Prado, e temos a certeza de que vai obter a simpatia que merece.

De «O Comércio do Porto»

Boas Festas e Ano Novo Feliz para Johannesburg

Registamos as Boas Festas do nosso assinante e prezado amigo José Manuel Macedo de Oliveira, da Rodésia.

Agradecidos, retribuimos um Feliz Natal e Ano Novo cheio de Prosperidades para si e Ex.ma Esposa D. Maria Adelaide da Silva Oliveira, e demais família aí residente.

Festa no Centro da Obra das Mães em Vila Verde

O Centro da Obra das Mães em Vila Verde, celebrou no dia 9 as bodas de prata da campanha da Semana da Mãe.

Além das alunas terem tomado parte nas festas solenes do dia 8, na Igreja Paroquial, foi promovida uma sessão, a que assistiram as alunas e suas mães.

Foi feita uma conferência por sua ilustre dirigente da O. M. E. N., tendo presidido a Senhora D. Maria do Céu Vilhena da Cunha e o Reverendo Pároco de Vila Verde.

Feira e Festas de Santa Luzia em Vila Verde

Decorreram com grande brilho e concorrência de povo as Festas e Feira de Santa Luzia em Vila Verde, a que um grupo de vilaverdenses procuraram dar o máximo esplendor.

Estão de parabéns, porque cumpriram todo o programa que já publicámos, com grande benefício para o progresso de Vila Verde.

Pastelaria BAR VILAVERDENSE

Fabrico esmerado de doce de todas as qualidades
Serviço de Casamentos, Baptizados e Homenagens
Vinhos de mesa, finos e espumantes, refrigerantes
a preços excepcionais — Café especial

Em Vila Verde, não deixe de visitar a PASTELARIA

A COMERCIAL DE PRADO
— DE —
Fernando Duarte Pedroso
Agente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»
zeltes, Mercaria, Vinhos, Refrigerantes, Ferragens, adubos
e Metais de Construção
Revendedor de BUTAGAZ e produtos SHEL

Vila Verde TELEPHONE, 92115 PRADO

Sala de Chá
— X —
Todas as qualidades de doce

Esmerado serviço de casamento e Festas de todas as espécies

DOÇARIA LUSITANA
Rua Francisco Sanches, 119-127 Tel. 23300
e Jardim de S.ta Bárbara
BRAGA

Aprecia Café?
Tome Café na PRINCESINHA
compre o delicioso

Café Princesinha

Tel. 92110 VILA DE PRADO

Fábrica de Bordados Regionais
DE
Maria Helena Dantas
Variedade de Linhos: — Toalhas de Mesa em todas as medidas.
Jogos à americana: — Tabuleiros, sacas, guardanapos, etc.

Ainda um grande sortido em puchados e em perlé, e bordados regionais
LUGAR DA PONTE — Prado Telef. 92147 BRAGA

C. J. Chambers
Torre de Penegate
S. Miguel de Carreira

Compro selos usados em quantidade ou envelopes c/ os selos colados.

Sómente interessam selos vulgares, nacionais ultramarinos e estrangeiros. Selos caros não compro.

